

O PROFESSOR FRENTE À PROBLEMÁTICA EDUCACIONAL DE NOSSOS TEMPOS

Nelly Novaes Coelho

A inquietude que, em nossos dias, atinge todos os setores educacionais, em busca de novas soluções para novos problemas, evidencia-se amplamente na abundante literatura atual acerca das questões pedagógicas e nos freqüentes Congressos, onde se reúnem educadores de quase tôdas as partes do mundo. Tôda essa ansiedade reformista que se vem registrando, com maior intensidade, desde fins do século XIX, mostra claramente o esforço de adaptação do Homem às novas realidades de um mundo que parece mudar a cada instante.

Estaríamos, assim, vivendo uma época de exceção? Uma época em que pela primeira vez surgem reivindicações de reformas básicas para a Educação? Evidentemente que não... Embora cada época julgue que ela vive um período de superação de valores, a verdade é que se lançarmos um olhar à história veremos que desde os tempos mais longínquos se vêm registrando reformas extraordinárias no setor educativo. Reformas que surgem sempre em momentos de crise, de transformações político-econômico-social e técnica.

O caráter histórico da condição humana condena, inapelavelmente, o Homem a ser escravo de "seu tempo" e dessa imposição brotam problemas que, se em certas épocas são facilmente contornados em outras se colocam angustiosamente entre o Homem e aquela realidade que êle desejaria atingir para realizar-se, segundo um ideal pré-estabelecido pela "sua" sociedade.

E' precisamente nesse momento problemático de crise dos padrões ideais, que nasce a necessidade de repensar todos os valores, revistar todo o legado de realizações herdade do passado da humanidade.

Funcionando como um imenso “radar”, o pensamento pedagógico vai captando as mais tênues e longínquas “ondas” desconhecidas e principia a fermentar na procura do nôvo “rumo certo” que deve oferecer ao homem. A Educação é a base de formação do homem e sôbre ela pesa a enorme responsabilidade de estabelecer aos alicerces e objetivos culturais a fim de que as novas gerações possam alçar-se do “por quê?” e do “para onde” vão e, com passo firme, “sintonizado” com o momento e o clima em que vivem, possam desenvolver integralmente suas qualidades potentes, sublimar suas tendências negativas e estarem, enfim, em condições de atuarem vitalmente, projetados para o futuro.

Acompanhando, mesmo em rápido vôo, as linhas gerais que precederam ou se apresentaram paralelas aos movimentos reformadores educacionais, através do tempo e do espaço, podemos perceber que, pelo menos, duas constantes se destacam em meio à complexidade dos acontecimentos: de um lado uma profunda transformação político-social e de outro determinado aperfeiçoamento técnico ligado aos meios de difusão do pensamento. Assim, desde as linhas mestras da Educação grega, através dos Sofistas, de Sócrates, Aristófanés, Platão, Aristóteles e passando pelos romanos, pelas conquistas culturais da Idade Média com suas Universidades e seus Copistas, pela Renascença e chegando até os nossos dias comprovamos facilmente a coincidência de acontecimentos: transformações político-sociais-econômicas e técnicas acarretando reformas pedagógicas. Reformas essas, repudiadas na época em que surgiram, e que brotaram da argúcia intuitiva de certos homens superiores que, dotados de maior acuidade perceptiva e mesmo lutando contra o conservadorismo do meio, se dispuseram a analisar, sob outras luzes e outros pontos de enfoque, problemas humanos novos que já sentiam atuar sôbre suas vidas, mas que ainda não se apresentavam delineados, delimitados, compreendidos pela lógica do meio social.

São Tomás, Bacon, Erasmo, Rabeais, Montaigne, Comenius, Rousseau, Kerchensteiner, Pestalozzi... foram alguns daqueles lúcidos espíritos que marcaram indelêvelmente os caminhos da Educação, em momentos de transição, de crise. Vivendo êles

novas realidades, (já sentidas, intuídas mas ainda não racionalizadas), procuraram transformá-las em teoria, em realidade palpável, mensurável, prática e integrá-las no acervo cultural da época, como valores positivos. Foi o que tentaram e realizaram todos êles, pois essa é a missão eterna da Educação: transformar em “ato” o que só existe em “potência”.

Assim, ao nos defrontarmos hoje com o atual movimento reformador pedagógico, sabemos que simplesmente estamos seguindo uma contingência; embora talvez mais grave e premente do que o foram as das outras épocas. Não há dúvida alguma de que, em princípios de nosso séculos, a Educação Tradicional, que se preocupava apenas em transmitir às novas gerações as aquisições do passado, tanto no domínio do pensamento e das ciências, como no da ação e do comportamento moral, já se encontrava em crise, entre um passado suplantado e um futuro conjectural.

Para combatê-la, o cientificismo que então se firmava procurou reformas radicais para o ensino e as conseguiu em parte, através de numerosas reformas da organização do ensino e dos currículos. Entretanto determinado lado negativo vai-se configurar em programas escolares absurdamente sobrecarregados, uma vez que a erudição mais pedante parecia ser o ideal. O mundo nôvo que nascia em fins do século XIX estava sendo transformado pela ciência e suas aplicações: o trabalho científico já não era, como antes, privilégio de uma elite de indivíduos que podiam dedicar-se às pesquisas e ao estudo.

A ciência deveria ser colocada ao alcance dos jovens que deviam desenvolver aquelas conquistas recentes e fascinantes. Entretanto, o problema de renovação não foi tão simples como parecera no início daquela época de verdadeira euforia científica. Em certo momento começa-se a perceber que a maioria dos jovens é prêsã de uma insatisfação interna que vai culminar na verdadeira anarquia mental e moral que hoje contemplamos por tôda a parte. Onde o êrro? Onde as falhas da nova orientação?

Pedagogos, Educadores, Professôres, já há muito, mostraram-se apreensivos diante dêste fabuloso progresso técnico-científico que está liderando o Homem do século XX e que con-

dicionou novas atitudes educacionais. Sente-se claramente que êste condicionamento técnico pode conduzir-nos a um doloroso desastre, se não nos detivermos a refletir sôbre uma fórmula conciliatória que nossa responsabilidade de Professôres está a exigir de nós. E as indagações pairam no ar: como salvaguardar êsses valores que tanto significam para a vida contemporânea e ao mesmo conseguirmos manter o equilíbrio entre o desenvolvimento das energias criadoras do Indivíduo e o avanço nivelador da Técnica, que ameaça o equilíbrio emocional e mental do Homem?

O perigo apontado está num paradoxo que brota nas próprias raízes do fenômeno contemporâneo: todos os progressos técnicos, apoiados no rápido desenvolvimento científico, tendem a libertar o homem de tôdas as peias inibidoras do universo; porém **necessariamente**, ao orientá-lo nesse sentido, a Educação o prepara para a escravidão. De que maneira? Em que sentido? Lembremo-nos aqui de um dos aspectos mais sérios da orientação educativa atual: o “indivíduo-parte-do-conjunto”.

Na verdade, não foi só a Técnica que revolucionou o mundo e suscitou problemas; não é só ela que pesa no interrogador futuro do Homem, são também as condições demográficas contemporâneas que, apresentando uma realidade absolutamente inédita, acabaram gerando a “massa”: êsse fenômeno social que se transformou em um dos fatores mais problemáticos de nossa civilização.

Obrigada pela contingência das próprias transformações por que vem passando, a Sociedade é obrigada a formar seus cidadãos para que atuem em conjunto, em ação coletiva... Quando pensamos em termos de “massa”, ou do “homem médio”, vemos que a ação isolada já não tem quase mais sentido em nossa época. Os artesãos já foram superados, engolidos pelas monstruosas organizações industriais... os “pequenos” estão sendo absorvidos pelos “grandes”... Assim o indivíduo precisa ser preparado “especialmente” para determinada função.

E, inevitavelmente, surgiu a Especialização. Surgiram os desdobramentos de programas dentro de novas reformas de ensino. Os setores mais e mais vão sendo limitados a visões de menor amplitude horizontal, mas de muito maior verticalidade. Todavia as falhas continuam a existir... Qual o educador ou professor que não se interroga ansioso e angustiado, por vezes, diante dessas transformações que se impõem ante as contingências atuais, se estamos ou não no rumo certo?... Se solucionaremos realmente, pelo menos em sua maior parte, os problemas essenciais que brotam no campo educativo?... Essa “especialização” tentada, desde o início, conduziria realmente os adolescentes àquela formação integral do Espírito, da Personalidade que é objetivo fundamental da Educação? Ou apenas o capacitará para uma unilateral integração no meio social, no conjunto, onde êle deve funcionar perfeitamente? Ou já estará ela provocando a “esterilização” dos espíritos? A verdade é que uma Educação, orientando os jovens para serem apenas um efetivo e atuante “elemento do todo”, pode deparar-se com o grave perigo de levar êsses mesmos jovens à perda da noção da individualidade, de importância vital dentro do Todo.

Tentando nivelar a todos, através dos processos de seleção tornados possíveis graças aos avanços da Biologia, da Sociologia, da Psicologia e seus Testes, a Educação atual, em certos momentos, corre o risco de perder de vista o caráter sagrado da pessoa humana, que se torna automaticamente apenas um instrumento a serviço da Sociedade.

Assim, não acreditamos ser exagero quando afirmamos que o jovem que estamos formando hoje para ser o homem de amanhã, terá perdido algo de sua personalidade humana e íntegra, se não acharmos um meio conciliador.

Seria necessário estarmos desprovidos de todo o senso de realidade para não sentirmos a importância do problema educativo em face deste mundo nôvo que nasce avassalador ante nossos olhos. Não é preciso ser cientificista ou positivista ou marxista para reconhecermos que o cientificismo e o utilitarismo domina totalmente todos os setores da vida humana. E daí brotam as dificuldades atuais dos educadores... O milagre dos

botões que, apertados, fazem jorrar luz, energia, força, imagens longínquas... essas maravilhas da Técnica, que deslumbrariam nossos antepassados como artes mágicas, integraram-se de tal maneira em nossas existências que já nem nos apercebemos de sua real importância.

Com tantas e tão radicais transformações em nosso mundo, como poderemos continuar oferecendo aos nossos jovens as mesmas soluções de vida do passado? E' verdade que isso seria absurdo... e assim, seguindo de perto as conquistas e descobertas da Psicologia, da Biologia, da Sociologia e influenciada pelas aplicações práticas do progresso científico, a Pedagogia, em seus vários setores, assumiu em nossos dias uma dimensão nova.

As profundas transformações que as recentes descobertas e invenções trouxeram ao Homem não acarretaram simplesmente vantagens ou desvantagens; mas, sobretudo, geraram problemas inéditos que nos obrigam a muita reflexão, em meio a muita perplexidade. Qual será o verdadeiro caminho da Educação dentro destas complexíssimas sendas atuais? E repentinamente nos damos conta de que, atolados em meio de uma profunda revolução social, econômica, política, técnica, filosófica nos defrontamos com problemas antiqüíssimos: procurar o "essencial" para o Homem, "formar-lhe o espírito", transmitir-lhe os valores "intelectuais e morais" aceitos pelo grupo social como "certos", "essenciais" e "eficazes". Mas aqui tropeçamos nas raízes do caos atual: Quais são os "valores certos, essenciais e eficazes?"

A diversidade de valores aceitos é tão grande que realmente aturde. E já ouvimos de muitos professôres esta angustiada pergunta: "Como poderemos transmitir **convictamente** aos nossos alunos os valores do espírito, quando a materialidade é o que mais se impõe, como legítima, à nossa vida?" E, de certa maneira, têm razão ao descrerem de antemão da eficácia de sua tentativa, pois estamos realmente presos do mais exacerbado materialismo. A febre econômica é a marca dominante dos nossos tempos. Há uma ânsia incontida de ganhar dinheiro, e o homem escraviza o próprio homem e se escraviza a si mesmo,

as mais das vêzes sem saber bem por que. E isso já é fruto daquela orientação educacional nascida, podemos dizer, nas raízes da Revolução Industrial e da euforia científica daquela época. Entretanto urge modificarmos o panorama. Mas... de que modo?



As espantosas conquistas que o Homem realizou no campo da cultura universal com sua mecanização industrial, com seu cinema, com os “jatos” diminuindo o espaço terrestre, os seus satélites artificiais, os foguetes interplanetários, o rádio, a televisão, a música estereofônica, os cérebros eletrônicos, a captação das radiações eletromagnéticas dos próprios seres vivos, tudo isso vem comprovar de maneira ineludível e indiscutível que novas atitudes devem ser assumidas por nós, orientadores dos jovens, a fim de que a adaptação destes às novas atividades e realidades se faça sem angústias, sem tentativas infrutíferas, sem indagações contínuas que pairam no ar sem resposta.

Pelo menos o aturdimento intelectual e moral dos nossos adolescentes será menor se eles puderem receber respostas satisfatórias às inúmeras e vitais perguntas que não podem deixar de fazer ao se sentirem no limiar da vida adulta. Este deve ser o papel da Educação e quando as respostas dadas passam a ser desacreditadas... está tudo perdido, sobrevém o caos. Então, como dar aos jovens de hoje as condições de pleno desenvolvimento no setor técnico-científico profissional reclamado pelas contingências da vida contemporânea, sem abafar nêles as outras faculdades essenciais ao desenvolvimento integral que devem também e acima de tudo serem cuidadas? Como conciliar a massa enorme de conhecimentos exigidos hoje do homem comum, com suas possibilidades de assimilação real? Como preservar a educação humanística, dentro dessas complexas exigências, sem sobrecarregar as mentes?

Muitas e graves são as indagações e para respondê-las vários setores se unem. Medicina, Psicologia, Sociologia e as

novas pesquisas pedagógicas procuram com novos procedimentos decifrar as necessidades reais de um “subconsciente” que se revelou essencial naquele ser humano, cada vez mais pressionado pela enorme massa de conhecimento e continuamente atritado pelas excitações artificiais do nôvo universo que se firma.

Se nos limitarmos apenas à orientação técnico-profissional exigida pela sociedade contemporânea, sabemos que pode sobrevir o violação da mente ou a destruição de sua energia criadora. Seria o inevitável **isolamento interior**, a “mecanização” interna total que destrói a verdadeira consciência humana ou seria a revolta. O homem assim deixa de ser um indivíduo para tornar-se um autômato... e isso será a regressão social, a destruição de valores ou... a revolução. Entretanto, se acrescentarmos aos programas a orientação humanística indispensável ao desenvolvimento harmonioso do espírito e da mente seria talvez a sobrecarga e a exaustão mental. Contudo bem claro está que tanto o indivíduo intelectualizado, porém incapaz de ação, como o de mãos treinadas para a ação, porém de espírito vazio, não encontram condições interiores para o desenvolvimento harmonioso de suas potências humanas.

E é principalmente contra êsse perigo da civilização moderna que se dirigem as reformas pedagógicas. Programas, Métodos, Normas, Processos de ensino têm sido sugeridos, debatidos, analisados, experimentados, cancelados; revelando-se alguns bastante satisfatórios; outros, utópicos.

Entretanto, segundo nos parece, neste instante de crise educacional, de “encruzilhada” não se trata de solucionar o problema **apenas** com mudanças ou restrições de Programas, de Métodos ou de Regulamentos; mas fundamentalmente através de uma modificação total nas relações do binômio **educando-educador**.

Em um mundo de desagregação familiar, resultante da tumultuosa condição de vida de pais e mães obrigados ao trabalho fora do lar, ou absorvidos pelo tumulto da vida que corre, e como conseqüência crianças e adolescentes entregues a si mesmos, aos seus instintos primários ou às influências ne-

fastas de uma sociedade artificial, mais do que nunca a tarefa do professor assume um papel decisivo dentro da organização de ensino.

Sabemos muito bem que não estamos dizendo nada de original, ao enfatizarmos o papel preponderante que tem o professor na obra educacional. Desde os povos primitivos, aquêle a cujo cargo estava a conservação e transmissão, aos mais jovens, daqueles valores considerados padrões pela comunidade, imbuia-se de um espírito sagrado e a “transmissão” era levada a efeito em cerimônias de iniciação, também de caráter sagrado. Verificamos, pois, que vem de longe o caráter de “missão” que marca a profissão do professor. O que antes ficava nas mãos dos sacerdotes, está hoje entregue às suas. E’ êle o instrumento da conservação e transmissão daqueles valores que perpetuarão a existência do grupo social.

Sem dúvida nenhuma a complexidade social contemporânea acarretou também complexos problemas à tarefa de conservação e transmissão de valores, uma vez que êstes não são imutáveis e mais do que nunca estão passando por profundas crises de superação. O que hoje ensinamos convictamente aos alunos, amanhã cedo já poderá ter sido destruído pela base com determinada descoberta científica. Entretanto apesar desta instabilidade dos valores atuais e desta consciência íntima de que tudo muda e se transforma radicalmente, dia a dia, uma coisa continua inalterável, embora às mais das vêzes esquecida: é a ação decisiva e fundamental do Mestre.

Já no século XVII, o lúcido Comenius afirmava: “Não se castigue com chicotes por causa do ensino, pois se não se aprende, não é senão por culpa do mestre, que ou não sabe ou não procura tornar dócil o aluno.” E não houve até hoje nenhum pedagogo que não tivesse, de uma maneira ou de outra, insistido na importância dessa pedra fundamental da Educação: o PROFESSOR.

Já foi aventado por alguns eufóricos entusiastas desta nossa Era Eletrônica, que dia viria em que o professor seria uma peça “demodée” no organismo educacional, pois com o aperfeiçoamento dos meios técnicos de transmissão de conhecimen-

tos, como rádio, televisão, cinema, gravador, “slides”, discos... só se faria necessário um controlador ou exibidor que, sozinho, poderia atender a uma centena de alunos.

Não resta dúvida de que a escola de hoje deve lançar mão desses esplêndidos instrumentos de difusão que o progresso técnico colocou ao seu alcance, pois eles facilitam a tarefa dos professores. Discos, filmes, fotografias colocam ao alcance do aluno, por quantas vezes fôr preciso, (oh, a importância da “repetição” nos Métodos Ativos!), a possibilidade de assimilação visual e sonora das várias realidades que se lhe quer transmitir.

Filmes que sejam elaborados com fins didáticos, nos moldes de determinadas séries educativas, realizadas nos E.U.A. por Walt Disney, visando o grande público, seriam de valor inestimável na transmissão de conhecimentos. Seja pela visão direta das coisas tomadas em seu ângulo mais favorável, seja graças à aceleração ou “ralentis” da filmagem, terão os alunos a consciência nítida do crescimento das plantas, (condensado em minutos), ou a decomposição lenta de movimentos rápidos. Poderão ainda sentir a eliminação do fator tempo através da recriação do ambiente e ações do passado histórico ou ainda visualizar o mundo futuro. Poderão “presenciar” as transformações geográficas por que vem passando o nosso planeta desde seus primórdios... Enfim, há um sem número de magníficas oportunidades para a utilização dos recursos audio-visuais que conseguem amplamente a “concretização” do ensino, preconizado sempre pela Didática, recursos que valem mais aos alunos, em uma hora, do que, muitas vezes, os meses de explicações puramente teórica souvidas em classe...

Na verdade, a moderna Didática e os novos programas oferecem já meios positivos para serem utilizados no processo educativo atual, atendendo tanto quanto possível às complexas exigências da época. Entretanto, nenhuma dessas conquistas instrumentais terá valor se forem antepostas ao elemento primordial, vital que deve ser o núcleo do ato educativo: o aluno. E' por isto que insistimos na modificação que se deve processar nas relações do binômio educando-educador.

É indiscutível que nas mãos do Professor poderá estar a chave da modificação que a juventude de hoje está exigindo da Escola. Na mudança que deve surgir definitivamente, o professor deixa de ser um mero cumpridor de programas e de horários, alguém que se agita diante de quarenta ou cinqüenta cabeças alheias, perplexas ou distantes da sua ação ineficaz; e passa a ser um observador inteligente e ativo, um provocador e orientador de estímulos em seus alunos, para que o adolescente, entregue às suas mãos, sinta o conhecimento emanar de seu próprio íntimo, em resposta a uma curiosidade desperta, ativa e que não se sacia nunca.

Antes, todavia, de tentarmos realçar as linhas e as novas dimensões do Educador, na estrutura educativa atual, é indispensável que não nos esqueçamos de que o nervo essencial da Educação é a ação de um ser humano sobre outro. Isto nos leva a reconhecer de imediato os limites mútuos próprios da natureza humana e a questão da simpatia ou da antipatia que, inconscientemente, une ou separa os seres. Porém, apesar das questões próprias da “temperamento”, ao qual ninguém pode fugir inteiramente, há uma qualidade que deve ser inerente a todo aquêles que pretenda ser professor ou educador a capacidade de adaptação, a flexibilidade de espírito que o leva a ser aceito pelos alunos, a despeito das diferenças de temperamento ou de meio social. Sem esta qualidade fundamental, pouca esperança pode haver de vitória na tarefa de educar.

Assim, aquêles que egressam de uma Faculdade de Filosofia, com seu diploma de professor, devem ser alertados, desde logo, para a realidade da profissão que os espera: que aquêles diploma não é senão o marco inicial de uma longa e penosa jornada de esforços no sentido da auto-formação e do domínio de si mesmo, para conseguir aquilo que deve ser a meta de seu caminho: **o direito de formar os seres** que lhe serão confiados. Não importa que êle seja um, entre uma dezena de outras professôres, a lidar com o educando: sua ação deve fazer-se sentir viva e positiva no complexo organismo da escola, e nunca procura roculiar-se ou dissolver-se em meio à ação dos outros. Cada ação educativa tem, por si, um valor

precioso e que é só dela, sendo-lhe vedado o direito de ser inútil.

E' verdade que muitos e penosos são os problemas com que se depara o professor, a começar pelo respeito do meio social. Todos nós, que estamos vinculados a esta profissão, sabemos muito bem que o Professor não é valorizado socialmente, à altura de sua elevada missão. Entretanto, se examinarmos mais detidamente êsse processo de desvalorização social do magistério, percebemos que, (deixando de lado complexas causas tradicionais), via de regra, são os próprios implicados no caso os culpados, (abstraindo-se, é evidente, muitas honrosas exceções).

E isso por quê? Pelo descaso que de uma maneira geral mostram os professôres pela própria profissão e também pelo desconhecimento que revelam do próprio valor no quadro social, sem se darem conta de que são êles os responsáveis, (além da família), pela "formação integral das novas gerações".

Fala-se tanto, hoje, de "formação integral" do indivíduo, que essa expressão, à fôrça de ser repetida em vão, parece ter-se esvaziado de seu sentido real. Pois, que "integração" se pode esperar, quando a dezena de professôres que lidam com as crianças ou com os adolescentes puxam-nos para lados, por vêzes antagonicos e contraditórios? Uma vez que esta divisão de matérias entre os vários professôres especializados é, hoje, indispensável, necessário se torna que os mesmos tomem consciência do que isso acarreta de dispersão para o aluno e procurem conseguir um maior entrosamento entre as várias orientações, sobrepondo-se todos êles às paixões pessoais e exclusivistas, providenciando para que predomine uma maior unidade, a fim de que o aluno não seja "deformado" por uma ação dispersa, pseudamente educativa.

Dêsse modo, acreditamos que é urgente, nesta época de reformas e de reivindicações de **direitos**, que nós, os professôres, também procuremos uma **tomada de consciência** no sentido de se delinearem claramente os nossos **deveres**. Como o Cientista é um persistente pesquisador da Verdade e do Progresso; como o Artista é o burilador insaciável das formas que

melhor traduzam sua mensagem interior em Beleza; assim o Professor deve ser um incansável lutador na senda que lhe compete por direito: moldar sadia e fecundamente os homens do futuro.

Isto não é nada fácil, bem o sabemos, e muitas vezes já ouvimos de jovens professôres queixas muito compreensíveis: “O que se exige de nós, professôres, é tarefa para deuses, para seres sobrenaturais e não para criaturas humanas, também condicionadas por suas limitações e fraquezas!” Compreendemos perfeitamente êsse amargo desabafo, em meio a momentos de desânimo e de sensação de fracasso; momentos de que ninguém, em nenhuma profissão, está isento. Entretanto sabemos que nêle vai muito de exagero. Pois, se é verdade que ser professor é ser-se capaz dos sacrifícios mais difíceis, (porque mudos, lentos ignorados, sacrifícios que exigem um heroísmo silencioso), é, também, ser-se capaz de suportar com ânimo as imperfeições dos nossos alunos, como êles muitas vezes suportam as nossas, (talvez maiores!), é, acima de tudo, a certeza de exercermos uma das profissões mais belas, mais legítimas e úteis do Indivíduo e à Comunidade.

Muitos, todavia, são aquêles que arrastam pela vida a fora o péso de uma vocação errada. Tornaram-se professôres sem bem saberem por que, ou então por não terem avaliado bem o que a profissão dêles esperava. Nestes casos, não nos cansamos de repetir, mais vale retroceder corajosamente do que persistir no êrro. Sentindo que não possui as aptidões indispensáveis ao Professor, o jovem licenciado não deve desanimar ou sentir-se um fracassado: deve, antes, procurar, dentro de si, aquelas aptidões “certas” e que bem aproveitadas farão dêle um homem realizado. Para quem cursa uma Faculdade de Filosofia, muitos são os caminhos profissionais que se abrem, não é só o magistério. E’ verdade que não é fácil mudar-se de caminho, quando já chegamos à meta final de um. Porém neste caso é preciso coragem, e esta coragem terá infinitas recompensas. O que não devem fazer, os que descobrirem em si um desajuste de vocação, é persistirem na senda errada; nada mais serão do que criaturas insatisfeitas, irreali-

zadas que, o que é pior, acabarão fatalmente por destruir as energias positivas daqueles que a si forem entregues para orientação.

Um erro de vocação no magistério é talvez muito mais grave do que em outras profissões: pois o Professor lida com a parte invisível do material humano a êle confiado: a mente, o espírito. E os crimes de mutilação ou deformação nesse setor ficam sem prova e, as mais das vêzes, desconhecidos das próprias vítimas.

A criança ou o adolescente, despertando para emoções novas e muitas vêzes perturbadoras, procuram instintivamente no Professor um guia, um apoio. Assim está nas mãos dos Mestres, colocando-se ao lado dos alunos e não em frente a êles, apontar os caminhos positivos; cuidar do desenvolvimento harmonioso da potencialidade humana existente no ser em formação. Bem delicada é esta nossa posição de Orientadores, pois devemos indicar caminhos, não apenas um, o nosso, produto já de nossa escolha e experiência, mas os vários caminhos possíveis e positivos e oferecemos condições para que cada aluno eleja o seu, de acôrdo com as qualidades imanentes de sua própria individualidade.

Lembremos que na tarefa de educar impõe-se sempre uma dupla diretriz: uma, a que visa os objetivos últimos da Educação, de caráter formativo mediato, longínquo e que procura imprimir na Criança ou no Adolescente de hoje a imagem integral do Homem de amanhã; outra, a instrumental, de caráter informativo, imediato, próximo e que em função daquela imagem ideal seleciona a matéria de ensino, os métodos e técnicas apropriadas.

Contudo a observação nos vem mostrando que é a esta última que particularmente, (e muitas vêzes **exclusivamente!**), se prende grande número de professores. Evidentemente, ninguém, a esta altura das renovações pedagógicas e didáticas, desconhece que há funções psíquicas que são as próprias raízes da existência humana: amor, ódio, alegria, curiosidade, imaginação, agilidade mental, prazer . . . funções vitais que, se bem aproveitadas e conduzidas pela Educação, poderão levar o jovem

à disciplina do trabalho, à assimilação real do saber, ao domínio das técnicas, à criação das artes, enfim ao encontro da própria individualidade. Nada disto é desconhecido, principalmente dos professores. Porém perguntamos: “Como êsses conhecimentos são aplicados na prática? De que maneira entram na estruturação das aulas aquêles conhecimentos das raízes mais profundas da personalidade do aluno?” E sabemos muito bem que, **na prática**, muitos são ainda os que não levam nada disso em consideração em suas aulas; e pensando estar agindo no sentido de educar não fazem mais do que transmitir hábitos ou conhecimentos que não chegam a tocar a essência humana, a consciência do aluno.

E' fundamental no processo de ensino que o Professor, por intermédio de “sua matéria”, procure fazer com que os dons do espírito, os do caráter, os conhecimentos culturais, as virtudes, o senso de responsabilidade e o impulso criador formem um todo coeso e integrador. Não importam as mudanças contínuas da época que atravessamos, não importa a diversidade de valores aceitos e o caos reinante em tantos setores de nossa vida social, econômica e política. Na ação educativa há condições eternas que são inerentes à própria natureza humana. Assim, mudem os tempos, mas todo ato verdadeiramente educativo deverá ser sempre uma incitação constante no sentido de o educando conseguir preservar e “atualizar” a sua essência autêntica de indivíduo, a fim de poder ser **senhor de si mesmo e responsável consciente** por seus atos, sem nunca correr o risco de tornar-se tirano ou escravo, conforme a situação que a vida lhe reserve.

Tôda orientação educativa que não procure atingir, como um de seus objetivos fundamentais, aquela **caracterização do indivíduo como consciência**, de que falava René Hubert, não tem validade integral. Pois é pelo pleno domínio da própria consciência que o indivíduo atinge “la autonomía de que depende el imperio sobre si mismo, y con ello, el imperio sobre las cosas, físicas o sociales.” (R. Hubert — **Tratado General de Pedagogía** — Buenos Aires, 1952, p. 54).

Realmente, muito complexo é o processo educativo, infinitas as sendas que se abrem à escolha da perspicácia inteligente do Mestre. Dentre elas, entretanto, uma existe que, acreditamos, não deve jamais ser esquecida: a **capacidade de fazer admirar**.

Longe de se fechar dentro das exigências do seu ensino, ainda que orientado pelas mais modernas técnicas didáticas, não deve o Professor perder de vista o maravilhoso sentido do universo e da vida e despertar para êle a admiração de seus alunos. Mudem as circunstâncias políticas, econômicas ou técnicas, e o verdadeiro Mestre encontrará **sempre** ocasião de acender nos jovens o **entusiasmo** pelo conhecimento, pela realidade circundante, pelos valores positivos da vida em contra-posição com aquêles negativos que, em qualquer época, aparecem e querem se impor também.

Entusiasmo, admiração são atitudes mentais que, uma vez desenvolvidas acompanharão para sempre o indivíduo e o ajudarão a realizar-se e a viver plenamente. Não nos esqueçamos de que, em última análise, estamos preparando para a Vida, para a realização de mais um ciclo vital. Esforcemo-nos para que êsse ciclo seja fecundo, equilibrado e belo; e para chegarmos a essa **admiração** e a êsse **entusiasmo** pelo conhecimento vivo das coisas, um dos caminhos mais positivos, de que dispomos, é conseguirmos despertar, canalizar e educar a **atenção** do educando. Não nos esqueçamos de que Vida é seleção. As funções fisiológicas têm caráter seletivo: aceitam e rejeitam, procuram e elegem. Os primeiros movimentos inconscientes da criança, atendendo a seus instintos são logo seguidos de uma procura intencional e consciente; a consciência começa, de maneira prodigiosa, a querer apossar-se da realidade que abarca, concentrando sua ação em tórno das coisas que mais lhe prendem a **atenção**.

E' êste processo natural de seleção, em função de interêsses vitais ou de ideais, que deve ser aproveitado pelo Professor no ato educativo, não esquecendo nunca de que seu papel é apenas de guia, de orientador, nunca de ditador; pois para resultados positivos, aquela seleção deve emanar de um espírito livre

e consciente; deve brotar de um **querer consciente** e de um **esfôrço interno** em direção à ação.

Básicamente o aprendizado é um fenômeno da **atenção**; daí todo o valor emprestado pela Educação Contemporânea à Motivação, que outra coisa não é senão despertar e alimentar a atenção do aluno em direção daquilo que queremos ensinar-lhe.

Notemos que em qualquer momento em que analisemos nossa consciência ela estará invadida por um sem número de objetos, que não se precipitam de roldão, confusamente, entre êles há uma ordem e algum ou alguns predominam e sobressaem-se, em primeiro plano, como que iluminados pela nossa atenção. Em tôrno a êstes gira nossa preocupação mental ou nossas emoções.

Podemos mesmo afirmar que são as direções da **atenção** que caracterizam o indivíduo. Pois no ato de atentar em algo a consciência fixa e limita o objeto conforme a linha de suas preferências, e também faz aderir a êle a especial fisionomia de seu mundo interior e de seus interêsses peculiares. Assim, quantas vêzes, a “distração” de um aluno não é apenas um desvio de enfoque de sua **atenção**, dirigindo-se ela para motivos que lhe falam mais de perto do que o frio e estéril didatismo da aula a que está assistindo.

E', pois, precisamente êste o trabalho do Professor: isolar os objetos nas consciências dos alunos e projetar sôbre êles (objetos) aquêle interêsse vital e aquêle entusiasmo que leva ao verdadeiro conhecimento. Dêsse modo, a atenção espontânea e dispersa da criança ou do adolescente deve ser educada no sentido de conseguir atingir seu maior poder de fixação e concentração, a fim de poder produzir aquela capacidade de abstração que impedirá a interferência de elementos estranhos às finalidades educativas em cada momento próprio.

E' neste sentido que se impõe o lento trabalho de formação de hábitos conquistados pelo esfôrço diário, pela educação vital da atenção. A atitude mental e espiritual do Professor favorece a disposição de espírito do aluno em direção à concentração em algo. Professôres atentos, entusiasmados agem por sugestão e prendem a atenção do aluno, sem esfôrço. Os temas, os

tópicos a serem desenvolvidos devem guardar sempre que possível uma relação com a afetividade. Nada fomenta tanto a fixação da consciência em determinado objeto, como os seus pontos de contato com os sentimentos. As aulas demasiadamente intelectualistas, que se afastam totalmente das emoções humanas, arriscam-se a permanecerem distantes da verdadeira assimilação desejada, por se esquecerem que os conteúdos mais carregados de sugestões emotivas encontram uma ressonância mais ampla no espírito do educando.

Vemos, assim, que um dos mais sérios problemas que temos em mãos desde o momento em que entramos em nossa sala de aula é a captação real da atenção das consciências que nos ouvem. Estar atento e aderir conscientemente a determinado setor, com o simultâneo esquecimento ou abstração de outros interesses.

Educação que não se fundamente no esforço racional e organizado carece de poder **formativo**. Tudo quanto até hoje propiciou condições de progresso ao Homem fundamentou-se sempre em um trabalho lento e persistente, produto de uma atenção duradoura, intensa e enérgica.

Quando conseguirmos formar no educando a capacidade de **concentrar-se**, de **admirar** os valores que o estudo lhe oferece, de **entusiasmar-se** com os aspectos novos que o avanço no aprendizado lhe desvenda, teremos cumprido grande parte da nossa tarefa: despertar o espírito de observação que, sem esforço, se deterá nas coisas e da superfície aparente poderá chegar ao essencial.

Esse é, a nosso ver, um dos mais valiosos fins da Educação: a formação de uma **consciência atenta**, capaz de aprofundar-se e de concentrar-se com admiração e entusiasmo nos seres e nas coisas com que entra em contacto, e por êsse caminho de conhecimento reflexivo e pesquisador da sua realidade interior e da realidade circundante, (por mais complexa e caótica que esta se apresente), chegar à etapa talvez mais preciosa de seu desenvolvimento: a **capacidade de criar**. Sem o incremento do **espírito criador** o Homem não chega à sua plena realização e a Sociedade imerge na estagnação.

E' possível que nem todos os jovens, que por nossas mãos passem, sejam permeáveis às sendas da **capacidade criadora**, entretanto isso não nos desobriga de tentar atingir essa última etapa, de tal importância para o Homem, que Toynbee em sua revolucionária visão da História chegou a afirmar: "A quebra das civilizações se deve à perda dêsse **impulso criador** que no momento de seu nascimento e no período de desenvolvimento, lhes permitirá atuar com tôda a espontaneidade frente às circunstâncias. As civilizações se extinguem, perdem sua capacidade de auto-determinação porque não existe o **dinamismo criador**."

Não permitamos que se extinga o "dinamismo criador" de nossos jovens; a responsabilidade do Futuro está Hoje em nossas mãos de Mestres. Cuidemos, pois, de EDUCAR, isto é, revelar o Ser a si mesmo e ajudá-lo a realizar-se integralmente para si e para os outros.